**EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO CAMPO: APROXIMAÇÕES COM A TRANSDISCIPLINARIDADE E A POSSIBILIDADE DE INTERFACES COM OS MÉTODOS E AS TÉCNICAS NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO**

**Luis Sergio Castro de Almeida[[1]](#footnote-1)**

**Maria Almerinda de Souza Matos [[2]](#footnote-2)**

**RESUMO**

A tese sobre a Educação Inclusiva no Campo no Amazonas investigou a inclusão de pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, em Escolas no Campo de comunidades situadas nas estradas e florestas, e às margens de um rio em Presidente Figueiredo no Amazonas. O objeto do estudo compreendeu as Escolas no Campo, este relacionado com a Educação Inclusiva, mediada pelo discurso sobre as políticas de Educação Especial. Numa metodologia compreendida pela dialógica e a hermenêutica crítica, o estudo se constituiu em meio a uma abordagem teórico-epistemológica, que se relaciona com o paradigma sistêmico. O objetivo consistiu em analisar a Educação Inclusiva nas Escolas no Campo, na efetivação de suas ações político-pedagógicas e no que diz respeito a Política Nacional de Inclusão Educacional. Em três momentos, o texto discute os desafios evidenciados e a necessidade de interfaces com os métodos e as técnicas na produção de conhecimento; o ser e a vida no estar sendo no mundo para compreender o mundo e os aspectos da transdisciplinaridade, do terceiro incluído, dos níveis de realidades do objeto e dos níveis de realidades do sujeito.

**Palavras-chave**: Política Nacional de Inclusão Educacional. Educação Inclusiva no Campo. Pessoas com Deficiências. Transdisciplinaridade. Transrealidade.

**INTRODUÇÃO**

A Educação Inclusiva no Campo no Amazonas é um desafio evidenciado e uma necessidade. Neste texto apresentamos uma compreensão e uma análise sobre a implantação e efetivação, na Escola do Campo, de alguns aspectos que se configuram como um desafio, maior ainda, em se oferecer dignidade aos sujeitos das comunidades campesinas, na intenção de se construir uma escola partícipe com a comunidade e o ambiente em que se vive, em prol de uma sociedade melhor; são agricultores e agricultoras, camponeses e camponesas que precisam construir uma vida feliz.

É necessário enfrentar o desafio de discutir com todos e todas, cá de onde estamos falando, junto com nossos pares, que somos uma só sociedade, a sociedade humana, em sua multiplicidade, em suas diferenças e em suas incompletudes, isso caracteriza o humano. Nas comunidades do campo, ensinar as lutas por uma educação do e no campo e as lutas por uma educação inclusiva que tenham qualidade, expõem a diversidade dos sujeitos coletivos, em busca de um projeto de educação por uma sociedade humanizada.

Nossa voz se constrói no e pelo campo, nas comunidades em que nós e a escola estamos inseridos. Ela vem do lugar de onde nascemos a Amazônia brasileira, vem de onde trabalhamos e se cultiva a terra, vem do interesse e do compromisso em acreditar que uma sociedade mais humanizadora é possível; por fim, vem de um horizonte que vislumbramos por acreditar nas utopias possíveis, apesar dos desencantos reais.

São muitas as questões a serem discutidas nesses espaços sócio-educacionais, inquietações que remetem à análise e à reflexão no sentido das mudanças, estrutural e cultural às Escolas do Campo. É preciso pensar e construir, como vem sendo direcionada a política educacional para que os estudantes do campo tenham suas especificidades atendidas. Construir uma Escola do Campo que atenda as reais necessidades dos homens e das mulheres do campo, das águas e da floresta.

As pessoas que vivem no espaço do campo são cidadãos com direitos e deveres. As escolas são espaços coletivos de aprendizagem, que por meio de conteúdos curriculares e metodologias adequadas conduzidas pelas escolas, possibilitariam o alcance das reais necessidades dos estudantes do campo. A diversidade está na escola, por isso pensar a escola como espaço plural, é pensara a Educação Inclusiva num diálogo com o direito à pessoa com deficiência, permitindo um ensino que potencialize sua qualificação social e profissional.

Essas idéias são produtos da tese intitulada, *Educação Inclusiva no Campo: realidades e desafios no contexto escolar em Presidente Figueiredo no Amazonas*[[3]](#footnote-3). Nesse contexto, resolvemos apresentá-las em duas partes, dois artigos, este e outro a ser publicado posteriormente. Essa é uma necessidade inerente às complexidades das discussões levantadas na tese.

**METODOLOGIA**

Escolheu-se três escolas, pela matrícula na sala comum, de crianças com deficiências, o que se construiu lá foram as referências. O objeto do estudo compreendeu as Escolas no Campo (ARROYO. 2012; BRASIL. 2002, 2013; CALDARTE. PISTRAK. 1981. FREIRE 2005), este relacionado com a Educação Inclusiva, mediada pelo discurso sobre as políticas de Educação Especial. Numa metodologia compreendida pela dialógica e a hermenêutica crítica (RICOEUR, P. 2000, 1994).

O estudo se constituiu em meio a uma abordagem teórico-epistemológica, que se relaciona com o paradigma sistêmico (VASCONCELLOS, Ma. J. E de. 2013; AUN, J.G.; VASCONCELLOS, M. J. E. de; COELHO, S. V. 2005; JAPIASSU. 2005; MATURANA. 2001a, 2001b), daí o próprio envolvimento do pesquisador com o processo de construção do conhecimento. Nesse contexto, o problema da pesquisa está relacionado à Escola no Campo enquanto atendimento aos estudantes com deficiências, no que diz respeito ao que legisla a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

**DISCUSSÃO**

**1 Desafios evidenciados e a necessidade de interfaces com os métodos e as técnicas na produção de conhecimento**

A reflexão e o debate, frentes aos aspectos dos métodos e das técnicas na produção de conhecimento, se constituem em meio a uma abordagem teórico-epistemológica que se relaciona com o paradigma sistêmico,

[este diz respeito a um] conjunto de três novos pressupostos, assumidos pelo cientista quando ele faz a ultrapassagem de três pressupostos epistemológicos constituintes do paradigma da ciência tradicional. Ultrapassando pressupostos – as crenças na simplicidade do microscópio, na estabilidade do mundo e na objetividade e no realismo do universo – o cientista assume três novos pressupostos: a crença na complexidade em todos os níveis da natureza; a crença na instabilidade do mundo em tornar-se; a crença na intersubjetividade como condição de construção do conhecimento do mundo (AUN, VASCONCELLOS e COELHO. 2005. p.83).

Os tempos em que nos vemos agora são tempos em que o sujeito se vê num mundo de complexidades que se inter-relacionam em multirealidades. O sujeito se constrói como ser biopsicossocial e político, ao mesmo tempo em que constrói o mundo das realidades, estas advindas de uma objetividade complexa em seus níveis de realidade e que está avessa a simplificação do mundo.

São esses aspectos que permitem o aparecimento de relações sistêmicas que se interconectam num movimento interdisciplinar e transdisciplinar de objetividades, subjetividades, ideologias e culturas. Esses aspectos são inerentes a um mundo em que entende o sujeito como um ser que não está dissociado da realidade, das coisas e das ideias do mundo, por isso, do objeto.

Ao levar em consideração as experiências das várias reflexões coletivas–ações coletivas–reflexões coletivas, nesse contexto de estudos e pesquisas, se dão os debates, no que se refere a construção do conhecimento. Este em perspectiva com as ideias de uma educação que supere as velhas posturas da fragmentação, de quanto a apropriação dos contextos das realidades, em suas vivências com as realidades materiais, se torna urgente na construção de uma nova maneira de interpretação da complexidade do mundo que se apresenta agora, em que o sujeito não esteja dissociado do objeto.

Sobre tais aspectos epistemológicos, nos alertou H. Japiassu (2016. p.4),

se quisermos dominar um objeto, não podemos confiar no conhecimento fragmentado nem na apreensão holística. Precisamos romper com o velho dogma reducionista de explicação pelo elementar e considerar os sistemas complexos, onde as partes e o todo se inter-fecundam e se inter-organizam.

Sobre as populações do campo, isso significa dizer que, elas precisam ser atendidas em seus reais interesses, e mais restritamente sob os interesses daqueles e daquelas pessoas que se encontram excluídas da vida, por motivo de alguma deficiência ou qualquer que seja sua condição de existência enquanto vivida por fora das oportunidades de usufruir do que foi construído de belo e bom na cultura humana.

No contexto escolar, no que diz respeito aos conteúdos elencados pelas disciplinas, o interdisciplinar, ainda nesse tempo, é um desafio a ser alcançado, enquanto que o transdisciplinar é um sonho distante, ainda que possível.

O interdisciplinar possui um sentido bastante preciso: exprime tanto uma constatação (a fragmentação das disciplinas) e uma recusa (abandonar certa tradição ou mentalidade) quanto um remédio (formulação desejada de um mito unificador) para esse esfacelamento. [...] Muita gente toma consciência de que os objetos de pesquisa revelam-se tão complexos que só podem ser tratados por uma abordagem interdisciplinar. Não basta mais o simples encontro ou justaposição das disciplinas. Torna-se imprescindível eliminar as fronteiras entre as problemáticas e os modos de expressão para que se instaure uma comunicação fecunda (JAPIASSU. 2016. p.4).

Nesse movimento, de construção e apropriação do conhecimento, a pesquisa precisa ser ação importante e necessária do pesquisador, enquanto indissociado do objeto. Esse ao se apropriar das objetivações da realidade, ao mesmo tempo se constrói e se constitui como parte do objeto, aí está o elo do trabalho profissional com a constituição do ser, do qual, este conduz sua existência na apropriação do mundo.

Nestes tempos de mudanças paradigmáticas, também no campo da educação, existe uma necessidade de se construir uma reflexão sobre a formação dos professores e professoras, por uma ação humana mais justa e solidaria. Esta precisa ser voltada para a cidadania e a análise sobre uma escola como formadora de cidadãos críticos, participativos, investigativos e conscientes.

Essa é uma formação profissional em que se objetivam sujeitos, os quais respeitem o outro em suas diferenças e deficiências, na construção de uma outra sociedade. Eles são sujeitos, que caminharão na contramão do “sujeito da razão”, em que esta constitui-se como prioridade das relações sociais.

Tais aspectos, nessa contramão sobre o sujeito da razão, se relacionam a uma proposta de estudo contrária ao processo de individualização do sujeito, da ideia de uma escola uniformizadora e que se legitima pelas políticas educacionais, compromissadas com os interesses de um modelo caracterizado pela exclusão e o lucro individualizado.

Esses desmandos do modelo neoliberal, que ainda insiste na simplificação das ideias, que está atento às mudanças, mas não permite a consolidação das conquistas demandadas pelas lutas dos excluídos desse processo de exclusão, e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, no Brasil e a Via Campesina, na Espanha e pelo mundo, são exemplos!

É preciso nos propormos a analisar a ação humana e o contexto político-histórico-social, na valorização do indivíduo, suas crenças, cultura e sua experiência de vida, e a organização de suas coletividades enquanto grupos comuns em suas culturas locais. Essa é uma ação fundamentalmente mediada pelo processo educativo de uma Educação verdadeira para todos e todas.

Falar disso é propor a evidência de uma ação orgânica do trabalho intelectual crítico, que tem a ver com o dever e o compromisso de retornar a sociedade as contribuições do conhecimento sistematizado pela cultura humana, no intuito social de mudanças por uma vida melhor. É uma ação já discutida originalmente nos estudos de A. Gramsci sobre os intelectuais orgânicos na sociedade.

**2 O ser, a vida: estar sendo no mundo para compreender o mundo**

As construções paradigmáticas que partem da diversidade, da pluralidade humana vistas desde o prisma da unidade, e que neste tempo permitem as ciências e aos atores sócio-político e econômicos o pensar de outras possibilidades do existir humano e de sua cultura, demandam concepções de ideias que suscitam novos horizontes epistemológicos e culturais.

Em nosso viver humano, a cultura se relaciona a um código de símbolos, ela passa por toda a constituição das relações socioculturais, ou seja, da expressão de um povo, nas artes, no modo de vida, nos costumes e nas ciências, e também por aqueles processos psíquicos das relações da mente dos sujeitos com as maneiras em que a realidade se apresenta a elas.

Quanto aos símbolos, estes só podem ser compreendidos no interior de um determinado código de significados. Na cultura, todos esses sistemas de códigos e símbolos organizados são o que constituem uma dada realidade, ainda que eles na sua incompletude natural, não desenvolvam a totalidade dos processos intermentais e suas relações com a cultura e seus resultados latentes.

Se não fosse desse modo, se o homem não fosse orientado por certos padrões culturais, seu comportamento seria, “virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma” (GEERTZ, 1989. p. 58), qualquer meio e qualquer forma de ser também tida.

A cultura também está ligada a uma capacidade comum a toda sociedade humana. Esta capacidade é o que permite, e é uma condição fundamental, a possibilidade de uma dialogicidade cultural, ou seja, na construção da nossa história de vida, passamos a entender o mundo a partir do nosso próprio ponto de vista; o ser social dos outros conforme o nós, o enriquece, somos necessariamente culturais e interculturais, a condição de uma cultura única não explicaria a essência de nossa incompletude.

A conexão entre a unidade e a diversidade das culturas é fundamental, é nela que se estabelece a herança social do ser humano. As culturas mantêm as identidades individuais e sociais, no que elas têm de mais característico. Elas podem mostrar-se incompreensíveis pelo prisma das outras culturas e inexplicável umas para as outras, como já nos mostrou Morin em seus estudos sobre a complexidade.

Não existe sociedade humana, antiga ou moderna, que não tenha cultura, porém cada cultura é única. Ela, como algo referente à capacidade, e a necessidade que os homens e as mulheres têm de aprender uns com os outros, possui ainda a característica em que os membros de uma sociedade são resultados da herança biológica, em boa parte.

No pensamento de Maturana (2001), essa capacidade e essa necessidade diz respeito à epigênese, que é um processo aleatório de mudanças estruturais, acontecidas no indivíduo, com as interações com o meio a partir de certa estrutura inicial, e essa estrutura inicial é determinada pela genética.

O homem não herda a cultura só biologicamente, o que acontece é uma influência dos fatores culturais na conformação de estrutura biológica, cognitiva do organismo humano, certo determinismo de ordem ecossistêmica, que influencia na percepção e na criação do mundo. O humano existe no conviver, na inter-relação do falar e do se emocionar que é o conversar.

Também “o humano vive em redes de conversações que constituem culturas, e também se vive nos modos de vida que as culturas constituem como dimensões relacionais, que descrevemos como dimensões psíquicas, espirituais ou mentais” (MATURANA, 2001. p. 121).

Desde a época antiga até os nossos dias as diversidades dos povos, dos grupos étnicos, foram, e ainda são, motivos de divergências entre os homens. Há muito, o período de exploração e extermínio das civilizações indígenas do então chamado Novo Mundo e dos negros na África sob as civilizações do Velho Mundo, são exemplos de tempos de barbárie. Hoje, são os pobres, desvalidos da sorte, os grupos minoritários, indígenas, quilombolas, populações do campo, sem terra e não menos as pessoas com deficiências compõem outro contexto de exclusão.

A cultura, em seu processo de desenvolvimento, formou-se e vem formando-se ao mesmo tempo em que o próprio sistema biológico humano. Ela é compreendida como uma das peculiaridades da espécie humana, as existências de manifestações psico-afetivas são reconhecidas por nós, porém essas manifestações só aparecem em pessoas que realmente mostram um potencial diferenciado de acordo com as culturas e os outros indivíduos.

### 3 A transdisciplinaridade, o terceiro incluído, os níveis de realidades do objeto e os níveis de realidades do sujeito

Nicolescu (2014a) em seus estudos, alerta que está na dignidade de ser humano, compreender o mundo. É nessa ação de compreensão do mundo que, nós, seres humanos nos vemos envolvidos na urgência de construirmos um diálogo transcultural, por isso o referido pensador desenvolve 4 (quatro) condições que permitem a pressuposição desse diálogo: a 1ª condição, **é a suspenção, durante o diálogo, de nossos pré-conceitos** para se chegar a uma “**fusão dos horizontes**”que se confrontam.

Nessa condição Nicolescu, como ele mesmo observa, se baseia em algumas ideias de Hans-Georg Gadamer (1900-2002). Este, na obra Verdade e Método, ao discutir o que destaca como, a virada ontológica da hermenêutica no fio condutor da linguagem e falando da linguisticidade como determinação da execução hermenêutica, conclui que, “a obtenção do horizonte da interpretação é, na realidade, uma fusão horizôntica.

Isto se vê confirmado também a partir da linguisticidade da interpretação. Através da interpretação o texto tem de vir à fala” (GADAMER. 1999. p. 578). Nesse texto, Gadamer usa o exemplo da tradução de uma língua para outra, e reflete sobre o papel do tradutor/intérprete.

É nesse movimento de compreensão do mundo e o estabelecimento de um diálogo transcultural, que nos vemos envolvidos num conjunto complexo de disciplinas e ideias, separados pelas línguas. A 2ª condição, é o **abandono da lógica binária sim/não** (verdade absoluta/falsidade absoluta) e a adaptação da **lógica do terceiro incluído**; na 3ª condição, é necessário **a identificação dos níveis de realidade** implicadas no diálogo e por última, a 4ª condição implica na **passagem de um paradigma da simplicidade para um paradigma da complexidade**. Nicolescu observou que o respeito a essas condições implica numa longa evolução sobre o plano individual e social.

Sobre isso também, contribui H. Japiassu (2016. p.4): Quando este filósofo entende que é imprescindível a eliminação das fronteiras que se estabelecem, “entre as problemáticas e os modos de expressão para que se instaure uma comunicação fecunda. Precisamos substituir o paradigma que nos obriga a conhecer por disjunção e redução pelo paradigma que nos permite conhecer por distinção e conjunção”.

Ainda pelos estudos de Nicolescu, este definiu a multidisciplinaridade como a que estuda um problema em suas múltiplas disciplinas de uma vez só, a interdisciplinaridade implica na transferência de métodos de uma disciplina a uma outra. Por fim, a transdisciplinaridade concerne no que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das disciplinas e além de qualquer disciplina (NICOLESCU. 2014a).

O conhecimento só se dá através da aproximação do sujeito com o problema em sucessivas aproximações e resistências, em que a apreensão do conhecimento, dado pelo processo de percepção à construção dos conceitos, é fundamental para a transmissão da realidade. Todo saber sobre o real deve ser buscado no sentido de conhecer a totalidade para intervir na realidade, sem entender essa como finita, acabada. Mas, sim como processo de constantes chegadas e iminentes partidas.

A Transdisciplinaridade é uma teoria do conhecimento, é uma compreensão de processos, é um diálogo entre as diferentes áreas do saber e uma aventura do espírito. A Transdisciplinaridade é uma nova atitude, é a assimilação de uma cultura, é uma arte, no sentido da capacidade de articular a multirreferencialidade e a multidimensionalidade do ser humano e do mundo. Ela implica numa postura sensível, intelectual e transcendental perante si mesmo e perante o mundo (COLL; NICOLESCU et al. 2002. p.9-10).

A Transdisciplinaridade se estabelece como possibilidade de discutir o mundo de uma maneira diferenciada, podendo ser compreendida como uma metodologia transdisciplinar e como um princípio da complexidade. Ela estuda a interação entre o objeto e o sujeito, pressupondo a construção de uma nova maneira de abordar o conhecimento, é uma nova maneira de conhecimento na compreensão do mundo presente.

As ideias de Morin e Nicolescu sobre a Complexidade e a Transdisciplinaridade se diferenciam no tipo de enfoque, elas se unem e se completam. Em Morin, os pressupostos de suas reflexões revolucionam nossa maneira de pensar, é um repensar sobre as ciências, sobre a vida e a maneira como interagimos com ela.

Em Nicolescu, na perspectiva de seus estudos, sobre a transdisciplinaridade, ela assume caráter metodológico. Ele, inspirado pelos estudos de Stéphane Lupasco (1973), formula uma nova lógica, a qual define como, a Lógica do Terceiro Termo Incluído. Nesta nova lógica, usa a metodologia transdisciplinar com intuito de dar conta da diversidade e das oposições da realidade.

A Transdisciplinaridade é, portanto, aquela que permite a lógica do Terceiro Incluído. Nos estudos de Nicolescu, a lógica do Terceiro Incluído só é percebida se aplicada sobre os diversos níveis de realidade. Pois, a projeção do estado-T num mesmo nível de Realidade produz a aparência de pares antagônicos mutuamente exclusivos (A e não-A). Um mesmo nível de realidade só pode produzir oposições antagônicas.

É nesse dinamismo metodológico da lógica da transdisciplinaridade de Nicolescu[[4]](#footnote-4), quando se ressaltam as inter-relações dos fenômenos, que percebo uma transrealidade. Esta se mostra em um novo sentido, que diz respeito a possibilidade da existência de diferentes níveis de realidade, isso exige diferentes níveis de percepção, que se estabelecem por um axioma envolvendo, o ontológico, o lógico e o epistemológico, como princípio da apropriação da realidade.

Nicolescu (2014b) mostrou que, existe na natureza, na sociedade e no nosso conhecimento sobre a natureza e sobre a sociedade, diferentes **Níveis de Realidades do Objeto** e diferentes **Níveis de Realidade do Sujeito**. Nesse momento, o referido físico e pensador, estabelece uma definição rigorosa da transdisciplinaridade, ele a exemplificou como, conjunto de sistemas invariantes à ação de leis gerais e normas – os sistemas naturais, e regras gerais – os sistemas sociais.

Ele exemplificou os **Sistemas Naturais** em nível quântico, nível microfísicos-clássico, nível cyber-espaço-tempo, nível das supercordas e os **Sistemas Sociais** em nível individual, nível geográfico, nível das comunidades históricas – família, nação, nível das comunidades cyber-espaço-tempo, nível planetário e nível cósmico. Reproduzo, no desenho seguinte, como Nicolescu inicia a representação dos Níveis de Realidades do Objeto e os diferentes Níveis de **Realidades do Sujeito.**

No pensar de Nicolescu (2011), existem diferentes e incontínuos níveis de realidade e que estes determinam a estrutura descontínua do objeto em sendo um recorte da realidade, esse que só pode ser compreendido no espaço transdisciplinar. É necessário fazer a distinção entre o real e a realidade. O real é o que está velado para sempre, é o que é, não há nada a acrescentar, portanto, é o que não é acessível ao nosso conhecimento, a palavra “realidade” é uma das palavras mais ambíguas de todas as línguas do mundo.

Todos nós acreditamos saber o que é a realidade, mas, se nos interrogarmos, descobriremos que há tantas acepções dessa palavra quanto habitantes sobre a terra. Não é, pois, surpreendente que inumeráveis conflitos agitem incessantemente os indivíduos e os povos: realidade contra realidade. “O que é a realidade?” – se pergunta Charles Sanders Peirce. Ele nos diz que, talvez, não haja nada que possa corresponder à nossa noção de “realidade”. Talvez seja a nossa tentativa desesperada de conhecer que engendre essa hipótese não justificada. Mas, nos diz ao mesmo tempo Peirce, se há verdadeiramente uma realidade, então ela deve consistir em que o mundo vive, se move e tem nele mesmo uma lógica dos acontecimentos que corresponde à nossa razão (NICOLESCU, 2011).

A realidade é acessível ao nosso conhecimento, ela é acessível ao dom do conhecimento porque resiste ao nosso conhecimento, logo, é necessário dissociar a realidade dos sonhos (Idem, Ibid). Nos **Níveis de Realidade do Objeto**, estão as não-resistências à nossas experiências, representações, descrições, imagens e formalizações matemáticas. Isso se dá devido às limitações de nossos corpos, de nossos órgãos dos sentidos e de nossos instrumentos de medidas, são aspectos que têm a ver com a realidade.

Nos **Níveis de Realidade do Sujeito**, destaco o que estuda Nicolescu (2011), quanto ao obstáculo epistemológico no caminho do diálogo, ao se indagar sobre um nível único ou múltiplos de Realidade. Nicolescu mostrou que a ruptura brutal da ciência moderna com a antiga visão do mundo, se fundou sobre ideias surpreendentes e revolucionárias para a época, marcando uma separação total entre o sujeito que busca conhecer e a realidade a ser conhecida, essa assumindo complemento independente do sujeito que a observa.

**Considerações**

Talvez a palavra ‘humano’ não esteja significando muito, hoje em dia, o que realmente nos identifica em nossa sensibilidade e nos separa dos outros animais deste planeta. Apesar de sermos o animal que possui consciência de sua existência, e de que um dia não estaremos mais vivos neste plano de realidade material, não paramos ainda, de nos destruirmos como povo de uma mesma espécie (as guerras bélicas), vitimados pela barbárie dos fundamentalismos religiosos, dos preconceitos de cor, raça, étnicos e, nos espaços mais restritos, os descasos com aqueles desvalidos da sorte que vivem às margens e envoltos a pobreza e a miséria, mazelas ainda não equacionadas pela cultura humana.

Se for possível existir uma educação com possibilidades de incluir o cidadão, num contexto sócio-político-econômico, em que possamos construir uma sociedade inclusiva, sem restrições, precisaria existir um homem como sujeito participativo e transformador de sua história, na construção de sua autonomia. Com isso, poderíamos visualizar uma condição de vida melhor para as pessoas. Em se tratando dos “descamisados do mundo”, pessoas com deficiências, índios, negros, quilombolas, caboclos, ribeirinhos, sujeitos das águas e da floresta, há muito e não menos hoje, excluídas da sociedade e, por conseguinte da vida, estas precisam ser vistas como seres humanos.

As escolas na floresta, nos ramais, nas estradas ou as margens de rios e alto das barrancas, se tornam depositárias de sonhos e alegrias das crianças e jovens que ali estudam e constroem suas existências, com a família, com a floresta, com o trabalho na terra e na água. Possivelmente uma boa maneira de compreender esse processo é considerar que, as crianças e jovens sempre participam do trabalho de subsistência da família, no trabalho de plantio e colheita na agricultura familiar. Essa, porém, é uma tarefa que consolida as famílias no trabalho de cultivo da terra.

Constituem-se nessa inter-relação cultural, por parte do Estado nacional, pressionado pela causa indígena, as legislações que a muito custo procuram equacionar os problemas desse povo/nação, em que historicamente foram massacrados e explorados pelos imperialismos instituídos pela cultura branca. Hoje, com muita luta, esses sujeitos ainda vivem os desafios de equacionarem a sua realidade, partindo de suas próprias necessidades na busca por uma vida humana e digna.

São dois mundos de realidades complexas, que se separam e, quase sempre, se complementam pelo existir humano em um mesmo espaço geopolítico e psicossocial, que avança em um momento e retrocede em outro. Isso diz respeito ao que se mantém pela tradição ou se transforma pelas inter-relações sociais, das culturas que se constroem e se reorganizam na contemporaneidade.

A região amazônica, sob os aspectos dos neocolonialismos, se tornou alvo de inúmeros interesses internacionais, levando-se em consideração seu status de, talvez, último ecossistema do planeta, frente aos muitos já degradados espaços ocupados pelo homem, que em seu afã de desenvolvimento científico e tecnológico, construiu uma lógica paradigmática de que os recursos do mundo eram inesgotáveis. Com isso eles estariam eternamente à disposição da lógica do capital.

Se esta concepção sistêmica de Educação do Campo, como caminho pela pesquisa, poder possibilitar uma construção de existência mais humana e justa. Este caminho para a cidadania das pessoas e dos sujeitos, envolvidos com o processo de ensino, mesmo com as nossas vidas, em meio às contradições e os desencantos do modelo de sociedade individualizada, em que estamos, ela poderá delinear uma utopia possível numa realidade, enquanto aquela que projeta outras realidades existenciais da vida humana.

**REFERÊNCIAS**

COLL; NICOLESCU et al. **Educação e transdisciplinaridade, II**. Coordenação Executiva do CETRANS. São Paulo: TRIOM, 2002.

GREETZ, Clifford.  **A Interpretação das Culturas.**  Rio de Janeiro: LTC/S.A., 1989.

JAPIASSU, H. **O sonho transdisciplinar.** Revista Desafios – v. 3, n. 01, 2016. DOI: [http://dx.doi.org/10.20873/uft.2359-3659.2016v3n1p3.](http://dx.doi.org/10.20873/uft.2359-3659.2016v3n1p3) Acesso em: 12/11/2016.

MATURANA R. Humberto. MAGRO, Cristina. GRACIANO, Miriam e NELSON Vaz (Org.). **A Ontologia da Realidade.** 2. Ed. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

NICOLESCU, B. Um novo tipo de conhecimento: Transdisciplinaridade. In: CETRANS. **Educação e transdisciplinaridade**. CETRANS, São Paulo: Triom, 2000**.** Disponível em [http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127511por.pdf.](http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127511por.pdf) Acesso em Julho de 2014a.

\_\_\_\_\_\_. **Qu’est ce que la Réalité?** Unité du monde physique, biologique et psychique, Colóquio *Les nouvelles logiques du vivant*. Organizado pela UIP(Université Interdisciplinaire de Paris). Paris: 2014b.

\_\_\_\_\_\_. **Nouvelles perspectives en sciences sociales**: revue internationale de systémique complexe et d'études relationnelles, vol. 7, n° 1, 2011, p. 89-103.

GADAMER, H. **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer. 3. Ed. Petrópolis/RJ: Vozes. 1999.

1. Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/FACED/UFAM. Mestre em Educação e Graduado em Pedagogia pela mesma IES. Pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Psicopedagogia Diferencial – NEPPD/UFAM. Coordenador Pedagógico do Ensino Fundamental 6º ao 9º ano na Secretaria Municipal de Educação de Presidente Figueiredo/AM. e-mail: luissergioc@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Licenciada em Educação Especial: Deficientes Mentais na 1ª Turma do Curso pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (1980). É Mestre em Educação pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM (1996), Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2008) e Pós-Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Marília (2019). Atualmente é Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (FACED/UFAM) na categoria Associada Nível 3, vinculada ao Departamento de Teorias e Fundamentos (DTF). É Coordenadora Fundadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicopedagogia Diferencial (NEPPD), e-mail: profaalmerinda@hotmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. A tese sobre a Educação Inclusiva no Campo no Amazonas investigou a inclusão de pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, em Escolas no Campo de comunidades situadas nas estradas e florestas, e às margens de um rio em Presidente Figueiredo no Amazonas. Escolheu-se três escolas, pela matrícula na sala comum, de crianças com deficiências, o que se construiu lá foram as referências. Disponível em < https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6502>.. [↑](#footnote-ref-3)
4. Nicolescu apresentou o estudo: **Qu’est ce que la Réalité?** Unité du monde physique, biologique et psychique, Colóquio *Les nouvelles logiques du vivant*. Organizado pela UIP(Université Interdisciplinaire de Paris). Em Paris, em 12 de Abril de 2014. Sobre a discussão da transdisciplinaridade em Nicolescu, tomo por base para essas análises, além de sua literatura, esse trabalho, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8HA8\_Im4KhI>. Acesso em 06 de março de 2015. [↑](#footnote-ref-4)